

Roteiro Geral de Gabriel Soares de Sousa *

Guarino Alves

Exm.º Sr. Presidente, Prof. Dr. Antônio Martins Filho
Ilustres Senhores Consócios

Era meu desejo ocupar estas horas reservadas a palestras com introdução e leitura da famosa epístola de Lobo Curado Garro sobre o genocídio praticado pelos holandeses no arraial de Uruaçu, no Rio Grande do Norte.

Páginas, diga-se de passagem, das mais dolorosas da história colonial, ainda hoje uma repulsa a qualquer simpatia, a qualquer louvação possível para com os invasores neerlandeses.

Entretanto, como não me foi possível terminar a pesquisa em tempo recorde, tratarei, *data venia*, de outro assunto, também interessante e que é o ROTEIRO GERAL do baiano Gabriel Soares de Sousa.

Nenhum historiador dedicado à geografia histórica exime-se de consultá-lo, ou de em parte transcrevê-lo. Exemplifico-o através do meu ensaio *ESTUDOS AMERICANOS ou Roteiro de Toponímia Vetusta*, 2.ª ed. inédita, ampliada e ilustrada, referente aos litorais do Rio Grande do Norte e Ceará, espécie de complemento à minha

(*) Lida na sessão ordinária do Instituto do Ceará em 4 de dezembro de 1985.

HISTÓRIA DOS DESCOBRIMENTOS MARÍTIMOS NO BRASIL que, sob o aspecto geográfico, compreende desde as Antilhas até o rio do Prata, no Uruguai.

Curioso! Determinados escritores agarram-se a qualquer uma das tantas cópias do original de Gabriel Soares e assim repetem equívocos por não saberem discernir o certo do errado. Simples mania, insistente, no transcrever períodos sem antes confrontá-los e analisá-los, como por exemplo, no caso das epístolas de Américo Vespucci, de certo modo deturpadas por força de traduções e lapsos tipográficos.

Demais a mais, a transcrição de períodos a título de exemplo ilustrativo, desse ou daquele autor venerável não basta. Porque os veneráveis também erraram. Capistrano de Abreu, Varnhagen, Barão do Rio Branco e tantos outros ilustres pesquisadores têm seus "cochilos"...

E por que não erraria o próprio Gabriel Soares de Sousa? Basta que se diga o seguinte: o *Monte Li*, ou mais propriamente o *Monte Delly* (Délhi) corresponde à ponta do Iguape, quando na verdade é o morro da ponta do Mucuripe; e o *Cabo Corso* por ele identificado com o de uma ilhota confronte a barra do rio Apodi, no Rio Grande do Norte, diz respeito à ponta Grossa, no Ceará. É que Soares não conheceu os nossos litorais, tendo se baseado em nomenclaturas de mapas contrastantes entre si, quer na toponímia, quer nas acidências geográficas.

Passemos, porém, ao fulcro do problema literário: a bibliografia do *Roteiro Geral*.

Em primeiro lugar, nem todos os *códices* que se conservam nos arquivos europeus são protótipos. É o caso do *Esmeraldo de Situ Orbis* de Duarte Pacheco Pereira, inconcluso, escrito entre 1505 a 1508 (prognóstico de Cortesão) do qual restam cópias, e no entanto publicado em livro por Azevedo Bastos em 1892, e por A. Epifânio da Silva Dias em 1905. Inclui-se nesse rol, e eu lembraria, inclusive, o *Diário da Navegação* de Pero Lopes de Sousa, o *Roteiro* de Soares.

Os textos de uma e outras cópias do original extraviado apresentam, pois, discrepâncias. A primeira destas, escrita em português, foi impressa na "Tip. do Arco Cego" em Lisboa. Uma outra teve publicidade através da Academia de Ciências, da "Coleção de

Notícias para a História e a Geografia das Nações Ultramarinas”, t. 3., Parte I, 1825, em Lisboa, sob a epígrafe: *Notícia do Brasil, Descrição verdadeira da costa daquele Estado, que pertence à Coroa do Reino de Portugal*.

À época, ignorava-se o nome do autor desse trabalho enciclopédico como diria Aureliano Leite, classificando-o de “botânico, geográfico, etnográfico e lingüístico.”

Entrou, então, em cena, Varnhagen, supra-sumo da historiografia brasileira, com suas *Reflexões* de 1839, pesquisa impressa na tipografia da Academia de Ciências de Lisboa, da qual era ele sócio correspondente, trazendo, assim, luzes definitivas a respeito da paternidade da obra.

Em 1851, Varnhagen, sempre entusiasmado, inseriu na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, t. XIV, o *Roteiro* de Soares, dando-lhe o título: *Tratado Descritivo do Brasil, em 1587, obra de Gabriel Soares de Sousa, Senhor de engenho da Bahia e n’ela residente dezesseis anos seu vereador da Câmara*.

Diga-se, ainda, que o *códice* por ele publicado reapareceu em livro, impresso na “Tip. João Ignacio da Silva”, 1879, em “segunda edição mais correta e acrescentada com um aditamento.”

Todavia, nunca deixaram de existir divergências nos códiços copiados, e aqui recorro, a propósito, o Barão de Studart no seu artigo *Achegas à Geografia do Ceará*. Diz ele que a cópia conservada nos “reservados” da Biblioteca Nacional de Lisboa, anônima, sem data, diverge em alguns trechos, especialmente em nomenclatura, daquela outra publicada pela Academia de Ciências de Lisboa, inclusive quanto ao título: *Descrição Geográfica da América Portuguesa*.

Studart, tendo copiado desse códice alguns capítulos de interesse para o Ceará, insertos, em fins de 1889 no jornal *Tribuna Commercial* de Fortaleza e posteriormente na Revista do Instituto cearense, afirma:

“Cumprê agora transcrever também os trechos correspondentes da *Notícia* tais como se encontram na Coleção da Academia Real das Ciências, t. 3, parte I, para do confronto com os que copiei em 1889 chegar com

o leitor a uma conclusão que se impõe, e é: que decorridos anos, por erros e adulterações pode um livro de história em dada época ser mui diferente, outro que não o da sua feitura primitiva.”

Divergências também se observam no manuscrito da Biblioteca do Palácio Real de Madri em relação a queloutro *códice* publicado por Varnhagen. Trata-se do de n.º 2657, descoberto e publicado por Cláudio Gáns, intitulado: *Memorias Historico-Cosmográficas de la bahia de todos los Santos Capital del Estado del Brasil, Derrotero de toda su Costa, Rios, Puertos y Enseñadas, etc. año de 1587*.

Cláudio Gáns deu-lhe título mais modesto: *Derrotero de la Costa del Brasil y Memorial de las Grandezas de Bahia* (Ediciones Cultura Hispánica, Madrid, 1958).

No prefácio diz Cláudio que o brasileiro Eliseu de Araújo Lima descobriu na Biblioteca da Casa de Medinaceli outro *códice*, mas em idioma português e até hoje não mencionado por ninguém, “probablemente el más antiguo de los conocidos hasta ahora.”

Quando de minhas pesquisas efetuadas em Madri, em 1975, não me foi dado o ensejo de manusear manuscritos de Soares. Porém em 1983 recebi do distinto amigo e historiador Tarcísio Medeiros, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, uma cópia (*xerox*) do manuscrito n.º 3007, pertencente à Biblioteca Nacional da metrópole espanhola e se intitula: *Roteiro Geral com longas informações de toda a Costa que pertence ao Estado do Brasil & a descrição de muitos lugares delle especialmente da Bahia de todos os Santos*.

Embaixo: “Epístola do Autor a Dom Cristóvão de Moura do Conselho de Estado.”

Seria este manuscrito o mesmo que Eliseu de Araújo Lima encontrara na Biblioteca da Casa de Medinaceli?

O fato é que o ROTEIRO da costa, com suas outras notícias mais diversas, sempre despertou a curiosidade dos historiadores europeus e brasileiros. Publicou-o, por exemplo, o jornal *O Patriota Brasileiro* em 1830 sob a responsabilidade da Academia Real de Paris; cita-o Ferdinand Denis, Ayres do Casal, Roberto Southey, Fr. Jaboaão, Martius, e assim por diante.

Varnhagen espantou-se, afirmando perentoriamente:

“Causa pasmo como a atenção de um só homem pôde ocupar-se em tantas coisas ‘que juntas se vêem’, — como as que se contém na sua obra, que trata a um tempo, em relação ao Brasil, de geografia, de história, de topografia, de hidrografia, de agricultura entretrópica, de horticultura brasileira, de matéria médica indígena, das madeiras de construções e de marcenaria, de zoologia em todos os ramos, de economia administrativa e até de mineralogia.”

Supõe-se que Soares dedicara o *Roteiro* a Dom Cristóvão de Moura com o intuito de conseguir do governo auxílio para seus empreendimentos mineralógicos no Brasil. Em 1584 esteve em Lisboa. Passou à Espanha. Em 7 de abril de 1591 regressava na urca *Grifo Dourado* dirigindo trezentos e sessenta homens armados e quatro carmelitas. Pretendia romper os sertões baianos de Orobó em busca de uma mina de prata, conforme roteiro herdado de seu irmão João Coelho. A urca, entretanto, naufragou nos baixos do Vazabarris, mas Soares salvando-se com a maioria de sua gente marchou para o seu engenho de nome “Jaguaripe”.

Mais tarde, apareceria levantando casas-fortes, especialmente no Orobó, próximo ao rio Guairiru, lugar de tapuios e de sussuaranas. Nele, andou estudando a composição química das rochas com o auxílio do mineiro Marcos Ferreira, e nele, faleceu, vítima de febres. Transportados os ossos para Salvador, por iniciativa do sobrinho Bernardo Ribeiro, foi colocada na sua sepultura esta inscrição: *Aqui jaz um pecador.*

Extraordinário homem de empresa, aventureiro letrado que, após tantos séculos ainda nos impressiona e comove através do *Roteiro* da costa do Brasil!

Esta rápida bibliografia, Sr. Presidente, serve de mostrar que os livros que tratam de matéria científica, sejam quais forem os ramos, são mais duráveis do que o bronze comemorativo.

Aliás, há livros que passam, e morrem, e há livros imperecíveis. Há fileiras de obras de um só autor, impressionante pela

quantidade, e há-os bem poucos, às vezes, apenas um, de determinado autor, como por exemplo, *Os Sertões*, de Euclídes da Cunha, expressivo pela *qualidade*.

O ROTEIRO de Gabriel Soares de Sousa se entrosa neste último qualificativo. Não passou, não morreu porque se trata de livro utilíssimo, que instrui e documenta, mantendo-se como *pivot* de discussões entre os mais esclarecidos historiadores de nossa época.